

Identificação garantiu voto

BELO HORIZONTE — Apesar da diferença ideológica entre os dois candidatos que chegaram ao segundo turno, o que levou Fernando Collor de Mello, do PRN, e Luís Inácio Lula da Silva, do PT, à vitória foi o mesmo fator, analisou ontem o cientista político Fábio Wanderley Reis. É o que ele chama de “síndrome do Flamengo”, ou seja, os dois candidatos à Presidência conseguiram passar ao grosso do eleitorado, o chamado povão, que não tem sofisticação intelectual, a imagem de que eles estão do lado da massa, contra os ricos e poderosos.

“De 70% a 80% do eleitorado brasileiro, que são analfabetos ou semi-alfabetizados, carentes e desinformados, têm uma estruturação simplória do universo político: de um lado estão os ricos, do outro o que é popular. Para estes eleitores, votar em Collor e em Lula é como torcer para o Flamengo, um time identificado com o popular”, explicou Fábio Wanderley, que é doutor em Ciência Política pela Universidade Harvard (EUA) e tem vários livros publicados sobre política brasileira e teoria política.

Eleitor igual — Fábio Wanderley vê absoluta semelhança entre o grosso do eleitorado de Collor e a maior parte dos que elegeram Lula. “O povão não se orienta, eleitoralmente, por questões como esquerda contra direita, conservadorismo contra progressismo, que, aliás, ele nem sabe de que se trata. A identificação com o candidato se faz de forma muito tosca, e tende para aqueles que apresentam um apelo popular, o que demonstra que não superamos ainda o lastro populista na política brasileira”, acredita.

Ele explicou que, por enquanto, essa identificação popular com Collor, que explorou na campanha a imagem do “corajoso que briga com os grandes, do caçador de *marajás*” foi maior, o que lhe garantiu votação mais expressiva e lhe dá maior chance no segundo turno. Mas o cientista não exclui a hipótese de Lula vencer Collor no segundo turno — chance que considera muito maior do que teriam os outros candidatos de esquerda — se, por uma campanha acirrada e polarizada, conseguir demonstrar para o povo que por sua origem e trajetória, “ele é que é o Flamengo, nesta competição”.

Fábio Wanderley não nega a influência da Igreja, que garantiu votação expressiva para Lula até nos grupos miseráveis, à margem do desenvolvimento e distantes da informação. Também acredita que o apoio do empresariado a Collor possa ter tido influência em sua votação. Mas estes fatores tiveram peso irrelevante no resultado, avaliou o cientista, pois o que garante mesmo o voto do povão é aquele tipo de identificação. Segundo Wanderley, isto não chega a ser novidade na política brasileira: Jânio Quadros se beneficiou do mesmo fenômeno, em 1960, ao se colocar com o homem do povo que varreria a corrupção, e o PMDB, em 1974, teve sucesso com a imagem de “partido dos pobres” que lhe garantiu penetração junto à massa.